

O FIM

Recabarren, deitado, entreabriu os olhos e viu o oblíquo forro de junco. Do outro quarto chegava-lhe um rasqueado de guitarra, uma espécie de paupérrimo labirinto que se enredava e desatava infinitamente... Recobrou, pouco a pouco, a realidade, as coisas cotidianas que já nunca mais trocaria por outras. Olhou sem lástima seu grande corpo inútil, o poncho de lã ordinária que lhe cobria as pernas. Fora, além das grades da janela, dilatavam-se a planície e a tarde; dormira, mas ainda ficara muita luz no céu. Com o braço esquerdo bateu, até dar com a sineta de bronze que estava ao pé do catre. Uma ou duas vezes a agitou; do outro lado da porta, continuavam chegando até ele os modestos acordes. O tocador era um negro que aparecera uma noite com pretensões de cantor e que provocara outro forasteiro a um longo e improvisado desafio. Vencido, continuava frequentando o armazém, como à espera de alguém. Passava as horas com a guitarra, mas não voltara a cantar; talvez a derrota o tivesse desgostado. As pessoas já se haviam acostumado a esse homem inofensivo. Recabarren, dono do armazém, não se esqueceria desse desafio; no dia seguinte, ao acomodar alguns fardos de erva, seu lado direito se imobilizara bruscamente e perdera a fala. À força de apiedar-nos das desventuras dos heróis dos romances, terminamos apiedando-nos excessivamente das próprias desventuras; não assim o sofrido Recabarren, que aceitou a paralisia como antes aceitara o rigor e as solidões da América. Habitado a viver no presente, como os animais, agora olhava o céu e pensava que o halo vermelho da lua era sinal de chuva.

Um menino de feições indiáticas (filho seu, talvez) entreabriu a porta. Recabarren perguntou-lhe com os olhos se havia algum freguês. O menino, taciturno, disse-lhe por sinais que não; o negro não contava. O homem prostrado ficou só; sua mão esquerda brincou um instante com a sineta, como se exercitasse um poder.

A planície, sob o último sol, era quase abstrata, como vista num sonho. Um ponto moveu-se no horizonte e cresceu até ser um cavaleiro que vinha, ou parecia vir, para casa. Recabarren viu o chapéu de abas largas, o longo poncho escuro, o cavalo mouro, mas não o rosto do homem, que, por fim, segurou o galope e veio aproximando-se a trote lento. A umas duzentas varas de distância virou. Recabarren não o viu mais, porém o escutou vozear, apear-se, amarrar o cavalo ao palanque e entrar com passo firme no armazém.

Sem alçar os olhos do instrumento, no qual parecia procurar alguma coisa, o negro disse com doçura:

– Já sabia eu que podia contar com o senhor.

O outro, com voz áspera, replicou:

– E eu contigo, moreno. Uma porção de dias te fiz esperar, mas aqui vim.

Houve um silêncio. Por fim, o negro respondeu:

– Estou me acostumando a esperar. Esperei sete anos.

O outro explicou sem pressa:

– Mais de sete anos passei sem ver meus filhos. Encontrei-os naquele dia e não quis mostrar-me como um homem que vive às punhaladas.

– Já compreendi – disse o negro –. Espero que os tenha deixado com saúde.

O forasteiro, que se sentara no balcão, riu com vontade. Pediu uma cachaça e a degustou sem concluí-la.

– Dei-lhes bons conselhos – declarou –, que nunca são demais e nada custam. Disse-lhes, entre outras coisas, que o homem não deve derramar o sangue do homem.

Um lento acorde precedeu a resposta do negro:

– Fez bem. Assim não se parecerão a nós.

– Pelo menos a mim – disse o forasteiro e acrescentou como se pensasse em voz alta: – Meu destino quis que eu matasse e agora, outra vez, põe-me a faca na mão.

O negro, como se não o ouvisse, observou:

– Com o outono se vão encurtando os dias.

Pôs-se mesmo diante do negro e falou-lhe com ar cansado:

Deixa em paz a guitarra, que hoje te espera outra espécie de contraponto.

Os dois homens encaminharam-se à porta. O negro, ao sair, murmurou:

– Talvez neste me saia tão mal como no primeiro.

O outro respondeu com seriedade:

– No primeiro não te saíste mal. O que se deu é que tinhas vontade de chegar ao segundo.

Afastaram-se um pouco das casas, caminhando a par. Um lugar da planície era igual a outro e a lua resplandecia. De repente olharam-se, detiveram-se e o forasteiro tirou as esporas. Já estavam com o poncho no antebraço, quando o negro disse:

– Uma coisa quero pedir-lhe antes da briga. Que nesta briga ponha toda a sua coragem e toda a sua manha, como naquela outra de há sete anos, quando matou meu irmão.

Talvez pela primeira vez em seu diálogo, *Martín Fierro* tenha ouvido o ódio. Seu sangue o sentiu como um acicate. Entreveraram-se e o aço afiado luziu e marcou a cara do negro.

Há uma hora da tarde em que a planície está por dizer alguma coisa, nunca o diz ou talvez o diga infinitamente e não a compreendemos, ou a compreendemos mas é intraduzível como uma música... De seu catre, Recabarren viu o fim. Uma investida e o negro recuou, perdeu pé, ameaçou um talho no rosto e caiu com uma punhalada profunda, que penetrou no ventre. Depois veio outra que o dono do armazém não conseguiu precisar, e Fierro não se levantou. Imóvel, o negro parecia vigiar sua laboriosa agonia. Limpou o facão ensangüentado no pasto e voltou às casas com lentidão, sem olhar para trás. Cumprida sua tarefa de justiceiro, agora era ninguém. Ou melhor, era o outro: não tinha destino sobre a terra e matara um homem.